

Linguagem conotativa – figuras de linguagem II

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Linguagem conotativa – figuras de linguagem II

- 1.** Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor.

(...)

Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.
Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.

Cartola, “O mundo é um moinho”.

Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

- 2.** Leia o texto seguinte:

A aposentada A. S., 68, tomou na semana passada uma decisão macabra em relação ao seu futuro. Ela pegou o dinheiro de sua aposentadoria (um salário-mínimo) e comprou um caixão.

A. mora com a irmã, M. F., 70, que também é aposentada. Elas não têm parentes. A. diz que está investindo no futuro. Sua irmã a apoia.

A. também comprou a mortalha – roupa que quer usar quando morrer. O caixão fica guardado na sala da casa.

(Aposentada compra caixão para o futuro. Folha de S. Paulo, 22/8/1992, adaptado.)

a) Localize um trecho que revela ironia.

b) Explique como se dá esse efeito de ironia.

- 3.** A bomba atômica
(fragmento)

A bomba atômica é triste
Coisa mais triste não há
Quando cai, cai sem vontade
Vem caindo devagar
Tão devagar vem caindo
Que dá tempo a um passarinho
De pousar nela e voar...

Coitada da bomba atômica
Que não gosta de matar!
Coitada da bomba atômica
Que não gosta de matar
Mas que ao matar mata tudo
Animal e vegetal
Que mata a vida da terra
E mata a vida do ar
Mas que também mata a guerra...
Bomba atômica que aterra!
Bomba atônita da paz!

Pomba tonta, bomba atômica
Tristeza, consolação
Flor puríssima do urânio
Desabrochada no chão
Da cor pálida do hélio
E odor de rádio fatal
Loelia mineral carnívora
Radiosa rosa radical.

Nunca mais oh bomba atômica
Nunca em tempo algum, jamais
Seja preciso que mates
Onde houve morte demais:
Fique apenas tua imagem
Aterradora miragem
Sobre as grandes catedrais:
Guarda de uma nova era
Arcanjo insigne da paz!

MORAES, Vinícius de. Antologia Poética. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, pp. 147-8.

Loelia – Nome que designa uma família de orquídeas.

Percebe-se, em todo o poema, a utilização de uma figura de linguagem que consiste na atribuição de ação, movimento e voz a coisas inanimadas. Indique o recurso figurado empregado e transcreva do texto um exemplo desse recurso.

4. O trocano rimbombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.

Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor, clamando:

- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucã, o maior guerreiro da nação tocantim.

(...)

Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaias.

(...)

Assim falou o ancião:

- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação Araguaia, que deve estar na mão do mais possante. Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe, que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.

(ALENCAR, José de. *Ubirajara*. 8.ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2)

Vocabulário:

- **pocema**: canto selvagem, clamor.

O texto apresenta o índio num ritual, exaltando-se o guerreiro Ubirajara por vencer o rival, Pojucã.

Quais as expressões empregadas por Alencar para definir a velhice de Camacã? Que figura de linguagem está contida nessas expressões?

- 5.** A questão a seguir toma por base um fragmento do poema **Em Defesa da Língua**, do poeta neoclássico português Filinto Elísio (1734-1819).

Em Defesa da Língua

Lede, que é tempo, os clássicos honrados;
Herdaí seus bens, herdaí essas conquistas,
Que em reinos dos romanos e dos gregos
Com indefesso estudo conseguiram.
Vereis então que garbo, que facúndia
Orna o verso gentil, quando sem eles
É delambido e peço o pobre verso.

Abra-se a antiga, veneranda fonte
Dos genuínos clássicos e soltem-se
As correntes da antiga, sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas
(Não cesso de o dizer, porque é urgente);
Cavemos a facúndia, que abasteça
Nossa prosa eloquente e culto verso.
Sacudamos das falas, dos escritos
Toda a frase estrangeira e fraudulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.
Quero dar, que em francês hajam formosas
Expressões, curtas frases elegantes;
Mas índoles dif'rentes têm as línguas;
Nem toda a frase em toda a língua ajusta.
Ponde um belo nariz, alvo de neve,
Numa formosa cara trigueirinha
(Trigueiras há, que às louras se avantajam):
O nariz alvo, no moreno rosto,
Tanto não é beleza, que é defeito.
Nunca nariz francês na lusa cara,
Que é filha da latina, e só latinas
Feições lhe quadram. São feições parentas.

In: ELÍSIO, Filinto. Poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa-Editora, 1941, p. 44 e 51.

Identifique e explique a alegoria utilizada por Filinto Elísio ao se referir à influência da língua francesa sobre textos de escritores portugueses.

Gabarito

1. Com a metáfora “o mundo é um moinho”, o poeta indica e destaca seu poder de triturar, de desfazer. Portanto, do mesmo modo que o moinho tritura cereais, o mundo destrói os sonhos e ilusões, reduzindo-os a nada.
2. a) “A. diz que está investindo no futuro”.
b) Ironia consiste em dar a uma palavra ou expressão, através do contexto, um sentido oposto ao que normalmente tem. No texto, a expressão “investir no futuro” ganha uma conotação negativa, pois significa comprar um caixão, bastante diferente de seu sentido tradicional, associado a coisas positivas, como segurança e descanso.
3. Prosopopeia ou personificação. “A bomba atômica é triste”; “Quando cai, cai sem vontade”; “Coitada da bomba atômica / Que não gosta de matar!”.
4. As expressões são as seguintes: “...da velhice que lhe mirrou o corpo”; “... que o ancião se curve para a terra até desabar como o tronco carcomido.”
A figura de linguagem contida nessas expressões é a comparação.
5. As metáforas que se concatenam são visíveis claramente nos versos abaixo:

Ponde um belo nariz, alvo de neve,
Numa formosa cara trigueirinha
O nariz alvo, no moreno rosto,
Tanto não é beleza, que é defeito.
Nunca nariz francês na lusa cara.

Nesses versos, Filinto Elísio compara a presença da Língua Francesa na Língua Portuguesa como um traço que não cai bem em um rosto, mais precisamente, com um nariz ‘alvo de neve’ em um rosto moreno. A função da alegoria é ressaltar a incoerência ou inconsistência, segundo o autor, a ‘miscigenação’ entre línguas, uma clara defesa do purismo na Língua.